



Resenha

## INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA

Theodor W. Adorno

Resenha de Daniel Gonçalves de Menezes\*

Não é fácil ver um grande intelectual, em plena maturidade e gozando de reconhecimento acadêmico, disposto a ministrar um curso de introdução para alunos iniciantes em Sociologia. Esse fato atípico se soma, ainda, ao vigor demonstrado por um dos fundadores da teoria crítica: Theodor Adorno (2008) apresenta tudo o que ele considera significativo para a compreensão dessa jovem ciência e para o papel desempenhado pelo sociólogo na sociedade.

A obra é, na verdade, um curso (contendo dezessete aulas), gravado em 1968, um ano antes do falecimento de Theodor Adorno. As fitas se mantiveram conservadas e só agora vieram a público. Não se trata, portanto, de um livro e não pode ser lido com esse intuito.

É nesse sentido que, em vez de apresentar essa produção por meio do desenvolvimento de seus capítulos, o esquema de exposição foi pensado de modo a caracterizar os pontos mais significativos discutidos pelo filósofo e sociólogo nesse opúsculo.

O representante da escola de Frankfurt surpreende porque relaciona a produção teórica à análise prática da sociedade. Ao contrário do que aparentemente pode se pensar sobre essa escola de pensamento, por ter dado ênfase especial à produção do ensaísmo, Adorno (2008) é claro quando tenta pensar um empirismo não despojado da construção de pressupostos teóricos objetivos. Não se trata de atribuir proeminência ao momento de teorização ou à

---

\* Graduado, mestre e doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

fase da coleta de dados. Essa oposição se configura como falsa, na medida em que essas duas atividades são fundamentais para a efetivação da prática sociológica. Os momentos são interdependentes e complementares.

O fundamental, portanto, é constatar que o positivismo não erra por tentar fazer uma Sociologia empírica. Eles empobrecem essa ação por não perceberem o elemento reflexivo e teórico que deve andar de mãos dadas com a coleta de dados. Uma simples pergunta de um questionário está atravessada de um conjunto de pressupostos. Esse elemento implícito precisa ser bem equacionado, sob pena de a pesquisa não trazer os resultados esperados, ou, o que pode ser ainda mais perigoso, levar a uma compreensão enviesada do objeto que está sendo analisado.

Theodor Adorno (2008) antecipa, em certo sentido, a crítica empreendida pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu sobre a criação da opinião pública pela via das pesquisas quantitativas.

Theodor Adorno (2008) afirma, assim como Bourdieu (1983) desenvolveu de modo mais refinado posteriormente, que o questionário está eivado de pressupostos teóricos e sociais e que a própria aplicação de tal ferramenta de modo isolado e não controlado permite, sem cuidado reflexivo, criar uma ilusão de que a sociedade é estática e de que não há relações de poder e de legitimação dessa dominação. A sociedade, do modo como é preconizada a partir de um questionário processado, pode aparecer sob a forma de uma agregação de indivíduos atomizados.

Com grande humildade acadêmica e expondo seu pensamento de modo a não levar seus estudantes a erro, Adorno (2008) quer, além disso, superar a (falsa) oposição entre as categorias abstratas e concretas. Ao se contrapor ao nominalismo sociológico, ele desenvolve um entendimento de que os conceitos produzidos advêm de uma realidade social bem caracterizada. Não se trata apenas de classificar, mas de perceber que o sujeito do conhecimento, por meio da mediação da sociedade, gera conceitos objetivos que visam a produzir

aproximações sucessivas com a totalidade concreta. Esse movimento gera a captura da essência da realidade.

Esse não é o único momento de ataque ao positivismo. Adorno (2008) se mostra incomodado, conforme já foi demonstrado, com o modo como o positivismo preconiza a relação entre teoria e empiria.

Desmembra-se dessa preocupação a necessidade de reconstruir a importância atribuída aos clássicos e à condução que se refere à profissionalização da atividade de sociólogo. O sociólogo enfrenta o desafio de se tornar socialmente útil e de ter uma orientação intelectual que permita manter uma relação crítica com a sociedade. O dilema é que “quanto mais se compreende a sociedade, tanto mais difícil é tornar-se útil nesta sociedade” (ADORNO, 2008, p. 47).

Porém, isso não se trata de uma contradição que possa ser diminuída ao âmbito do indivíduo, ela se refere à própria contradição produzida socialmente. A Sociologia, em certo sentido, está relegada a uma condição de eterna juventude, justamente porque estuda um objeto em constante estado de renovação e que é movido por suas contradições.

É por isso que, inserida nessa configuração difusa, a Sociologia não pode ser enxergada e estudada, a partir de uma pretensa continuidade, tal como nas ciências naturais. Cada um, diz Adorno (2008, p. 49), “precisa escolher por si próprio a maneira pela qual se aprofunda nessa configuração um pouco difusa da Sociologia”.

Não se trata aqui de voluntarismo, mas de estabelecer a “distinção consequente entre estudo acadêmico e escola, de que nem tudo ocorre de modo tão gradual e mediado, sem lacunas, mas conforme certos saltos” (ADORNO, 2008, p. 51).

Adorno (2008) está preocupado em contestar a pretensa ideia de harmonização da Sociologia, tornando a sociedade gradual e positiva. Em Parsons, por exemplo, a formalização teórico-conceitual, separada da análise da estrutura social, dirime, por uma artimanha intelectual, as contradições constitutivas da sociedade e enfraquece a força explicativa da Sociologia.

A própria constituição da Sociologia se relaciona com um conjunto de antagonismos. Adorno (2008) lembra que Auguste Comte, um dos fundadores da Sociologia, abrigava um projeto que se pretendia científico e livre da metafísica e outro mais filosófico, voltado para a realização do espírito positivo, apresentando, apesar de ser um antimetafísico convicto, semelhanças com a noção de espírito de Hegel.

Há, em Comte, uma luta entre o princípio estático e o princípio de progresso. Por um lado, o sonho de realização das ciências naturais e, por outro, o desejo de consolidação de um ideal filosófico secularizado. Portanto, há ambiguidade mesmo no projeto inicial da Sociologia (ADORNO, 2008).

Essa ambiguidade torna necessário aos contemporâneos fazer aquilo que Adorno (2008) denominou “história dos dogmas” da Sociologia. Essa conduta possibilita que o pensador faça uma reconstrução das questões e dos conceitos que nortearam e continuam a desempenhar um importante papel na geração da atividade sociológica. Os clássicos são fundamentais, porque estruturam a Sociologia, inclusive suas questões e contradições constitutivas.

Os clássicos podem ser pensados nos termos propostos por Jeffrey Alexander (1999). O sociólogo funcionalista demonstrará que os clássicos desempenham a atividade de forjar um consenso que permite a comunicação dentro do próprio campo sociológico, e a revisão do edifício teórico dos clássicos renovam as questões do campo. Assim como Alexander (1999), Adorno (2008) está demonstrando que as ciências sociais apresentam uma realidade específica, se comparadas às ciências naturais. O retorno aos clássicos é fundante e permite uma articulação discursiva dentro da Sociologia. Em suma, há uma relação dialética de constante retorno aos clássicos.

E a análise dialética não é um golpe escolástico do pensamento, mas uma prática objetiva. Os conceitos têm sua historicidade e são mediações sociais. O sujeito do conhecimento deve ter a consciência do papel que a ciência desempenha socialmente, já que ela é mediada por seus usos sociais.

Assim, o sociólogo precisa se precaver para não ser “pautado” pela sociedade e para não ficar refém daquilo que ela lhe apresenta como problema e, às vezes, como solução. O pensador deve ir à captura do efêmero e imperceptível, deve buscar o essencial. Ao centrar fogo no essencial, o sociólogo não pode resumir sua atividade de pesquisa à coleta, ao processamento e ao armazenamento de dados. A prática sociológica permite também articular a discussão teórica com questões concretas. A dignidade do objeto é produzida sociologicamente, e não é dada socialmente.

Ao respeitar os objetos em suas possibilidades, o sociólogo compreende que é a atividade dialética reflexiva de pensamento que atribui validade às análises empreendidas. A compreensão do que é “secundário” ou sobre aquilo que é relegado a um segundo plano pode trazer contribuições significativas para a explicação do engendramento da sociedade. O que importa é a dialética prática.

Essa necessidade preconizada por Adorno (2008) de capturar o que é tido pelo social como secundário permite que o pensador alemão reconheça Simmel como um grande sociólogo. Porém, apesar de considerar interessante o minimalismo simmeliano, irá criticar Simmel por ele ficar preso a uma terminologia nominalista e formalista.

Adorno (2008), portanto, é um grande crítico das dicotomias que foram estabelecidas pela Sociologia no decorrer de sua constituição. Defendia, sobretudo, a análise dialética como meio de superação e intermediação dos pares opostos.

Emile Durkheim, por exemplo, acertou ao compreender a força da sociedade como instituição formadora do indivíduo. No entanto, não percebeu a atividade geradora do sujeito no sentido de produzir essa mesma sociedade.

Max Weber, em contrapartida, conseguiu perceber que os indivíduos fazem a história, mas perdeu de vista que essa produção se processa pela via da sociedade, que, na mesma medida em que constrange, habilita os indivíduos para atuarem nos mais variados contextos sociais.

A oposição entre indivíduo e sociedade é socialmente construída pela formalização da atividade sociológica. É preciso, por meio da dialética, superar essa dicotomia. As noções de sociedade e indivíduo são categorias processuais e mediadoras. Portanto, em termos dialéticos, o indivíduo produz a sociedade, mas sob determinadas condições já estabelecidas pelas gerações anteriores.

Por fim, Adorno (2008) reflete sobre a relação da Sociologia com as demais ciências. Ele irá se opor à tentativa purista de forjar uma Sociologia formal e totalmente autônoma em relação às demais ciências. A Sociologia, por sua própria natureza e nível de abrangência, está fadada a ser uma ciência impura.

Adorno (2008) acerta ao preconizar a interdisciplinaridade. No entanto, erra quando confunde autonomia disciplinar com purismo. A separação disciplinar entre a Biologia, a Sociologia e a Psicologia, por exemplo, não pode ser imaginada em termos meramente formais. Essa cisão respeita a relativa autonomia que esses reinos apresentam em relação aos demais. A natureza, a sociedade e a psiquê têm um modo relativamente específico de funcionamento. Apesar de existir certa integração entre esses níveis, o que não permite falar em um isolamento absoluto entre esses níveis, há uma relativa separação concreta qualitativa entre eles (ELIAS, 2005).

Adorno (2008) finaliza dizendo que a Sociologia somente efetivará um projeto autônomo quando compreender o papel que exerce na sociedade e qual a contribuição que pode desempenhar no sentido de romper a própria dominação que ajudou a produzir, ao introduzir a ideia de domesticação do mundo, por meio da técnica, e estabelecer uma relação crítica com a sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, W. Theodor. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: UNESP, 2008.

ALEXANDER, Jeffrey. A importância dos clássicos. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (Org.). *Teoria social hoje*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

BOURDIEU, P. A opinião pública não existe. In: BOURDIEU, P. *Questões de Sociologia*. São Paulo: Marco Zero, 1983.

ELIAS, Nobert. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2005.